

INTERVENÇÃO URBANA: DA MÁQUINA DE GUERRA, OS DISPAROS

Luizan Pinheiro. Professor da Faculdade de Artes Visuais, UFPA

Resumo:

Este ensaio intenciona discutir uma concepção de *intervenção urbana* nas cidades contemporâneas, a partir do *Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra* de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Palavras-chave: arte; cidade; intervenção urbana.

Abstract:

This essay intends to discuss the conception of urban intervention on the contemporary cities; from the Treaty on Nomadology: The War Machine, of Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Key-words: art; city; urban intervention

As máquinas...

Seguimos aqui a trilha de Deleuze e Guattari no *Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra*¹ para pensar um certo sentido movediço das *intervenções urbanas*, o que resvala, de um certo modo, na arte em geral. Tomamos as intervenções como essa máquina que atravessa os mecanismos urbanos, o Sistema de Arte, a visualidade das cidades etc., confrontando, um modo *legal* com que se entende as intervenções, adotadas atualmente pelos Salões de arte contemporânea – legalidade tal que compromete os *disparos* que as intervenções produzem na cidade, até o ponto mesmo em que tal controle torna-se o lugar pleno dessa forma de arte.

Quando se submete uma proposta de *intervenção* a um Salão, deve-se ter claro que se está submetendo às decisões desde sempre especificadas num Regulamento, que define as características do Salão; portanto, submete-se a uma legislação que define as regras de *funcionamento* das ações. No caso específico das *intervenções*, tal submissão cria um problema de ordem estética e estratégica: *a perda de potência das intervenções submetidas ao*

filtro dos Salões. Na medida em que tudo aquilo que pode se dar como o *devoir* das intervenções, seu acontecimento, daquilo que é o irredutível de seu acontecimento, está de algum modo tomado, mapeado, circunscrito, territorializado por um tipo de funcionamento que reduz as forças das ações na direção real da cidade.

Daí a negação dessa filtragem por se tratar de outras formas de experiência da cidade, diferenciadas das formas específicas amparadas pelas galerias, espaços culturais etc., planejadas para o espaço fechado. A cidade como campo de instauração das intervenções, o *solo epistemológico* onde tudo se agencia, reage de diversas formas, pois repercute em seu corpo aquilo que é seus opostos devidos, fundados pelas intervenções, daí afirmação de Clement Rosset: “uma realidade não se basta a si-mesma e só pode impor-se pela denegação de seu contrário”.² E as intervenções são aquilo denega a cidade pela produção de novos efeitos estéticos e formas artísticas. A cidade é tomada em sua dimensão artístico-estética com todas as forças dos acontecimentos cotidianos; nada mais visceral que os cortes possíveis que as intervenções produzem quando negam os mecanismos de controle.

Com isso, é preciso afirmar, aos berros, que o campo de instauração da obra pressupõe, em si, o acontecimento-obra como aquilo que resiste aos ditames dos concursos. E experienciar o corpo da cidade afastados de uma regulamentação *a priori*, fazendo pulsar seus órgãos de funcionamento pelo viés intervencionista da arte, reinstala as *forças* que confrontam os jogos de poder. “Faz valer um *furor* contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma máquina contra o aparelho.”³ Faz-se da negação ao modelo sua afirmação de confronto, criando um campo outro dos atos artísticos na *dobra* da cidade.

Cabe deslocar, assim, para campos outros, as experiências que resistem à validação dos CCEs - *Centros de Controle Estético*, empurrando ladeira abaixo a máquina de guerra para as novas configurações matéricas da cidade. Pois, “quanto à máquina de guerra em si mesma, parece efetivamente irredutível ao aparelho de Estado, exterior a sua soberania, anterior a seu direito: ela vem de outra parte,”⁴ deslocada num tempo outro a rever o *modus*

operandi da máquina do Estado, pois a absorção das formas de acontecimento das intervenções como máquina de guerra, por uma ordem legal do Sistema de Arte, acena com o esvaziamento das forças construtivas de novas configurações e questões da cidade no contemporâneo.

Quanto mais as ações das intervenções se submetem a um prévio julgamento e *embalagem* dos Salões, mais perda de potência estética das ações se dão. As intervenções urbanas produzem um diferencial de ação-reflexão no corpo da cidade, para além de qualquer prévio julgamento, controle e legislação do Sistema de Arte. Pois a cidade em si como fato estético, *produto artístico*,⁵ suporta os acontecimentos intervencionistas, em seu próprio corpo, dimensionando os agenciamentos estéticos num pensamento ampliado da matéria-cidade. Poderíamos falar em um corpo noutro corpo: cópula estética.

A cidade, campo de imanência das intervenções, projetam-nas para além dos aportes das mecânicas, instaurando o pensamento pelo distanciamento e exterioridade de uma legalidade dada pela máquina do Estado. Nesse sentido,

Não basta afirmar que a máquina é exterior ao aparelho, é preciso chegar a pensar a máquina de guerra como sendo ela mesma uma pura forma de exterioridade, ao passo que o aparelho de Estado constitui a forma de interioridade que tomamos habitualmente por modelo, ou segundo a qual temos o hábito de pensar.⁶

E aqui se gesta um outro olhar. As intervenções são formas de pensar o corpo da cidade, seus fluxos matéricos, que remetem às condições de vida cultural, social, econômica e política na cidade. E recolocam, dado o grau de potência estética de seu acontecimento, as relações que se estabelecem na cidade, os jogos de poder instaurados. Cabe, pois, às intervenções, desabituar as experiências da arte do seu viés puramente estatal, afirmando outras formas de ação-reflexão, nas fendas possíveis da cidade.

Localizamos, assim, as intervenções numa margem espúria ao aparelho do Estado, numa zona de intensidade, toda exterior que articula alterações no corpo da cidade, viscoso e denso. Afirmando uma direção que produz instabilidade no Sistema-Cidade, no sentido em que tais eventos são

tudo aquilo que promovem configurações outras em sua composição visual. Reinventa seu próprio Acontecimento-Cidade. Eis porque o controle e a determinação do que seja *intervenção urbana* torna-se uma questão meramente vocabular. Tudo é intervenção. Nada é intervenção. "A um só tempo um revide e uma resistência. Tudo é ambíguo."⁷

Assim, a máquina atravessa o deserto e reacende os humores da cidade. Flutuações e cortes. A exposição das camadas, das escamas da cidade pela reinvenção do espaço. O que nos leva à relação entre o *xadrez* e o *go* que Deleuze e Guattari apontam, como diferenciações estratégicas entre a máquina de guerra e o Estado.

Não é em absoluto o mesmo espaço: no caso do xadrez, trata-se de distribuir-se um espaço fechado, portanto, de ir de um ponto a outro, ocupar o máximo de casas com um mínimo de peças. No go, trata-se de distribuir-se num espaço aberto, ocupar o espaço, preservar a possibilidade de surgir em qualquer ponto: o movimento já não vai de um ponto a outro, mas torna-se perpétuo, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada.⁸

Esse movimento do *go* é o que prefigura uma espacialidade outra para além das marcações possíveis, das ocupações definidas, dos espaços tomados. Intervir na cidade é compor um novo espaço de vertigem, pelo aparecimento-desaparecimento material daquilo que significa compor, criar. Inventando novos vetores de sentidos e não-sentidos, a cidade é todo esse espaço aberto a experimentações afastadas do enredamento usual que se pode fazer dela. Eis porque a intervenção dialoga com um *fora*, uma exterioridade vertiginosa que abre trilhas em que o Estado-Sistema não pega, dada a sua velocidade e localização de acontecimento-intervenção.

E nesse *através* do corpo da cidade,

"fazer do fora⁹ um território no espaço, consolidar esse território mediante a construção de um segundo território adjacente, desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo renunciando, indo a outra parte..."¹⁰

Assim, as intervenções são as formas de exterioridade do Sistema de Arte-Estado e, por conseguinte, do Sistema-Salão; pois um dos seus modos de afirmação é a absorção e redução de outras formas, outros espaços.

Deleuze e Guattari disparam: “o Estado é a soberania. (...) A soberania só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente.”¹¹ O Estado-Sistema-Salão, interiorizado no seu centro de convergência, busca incessantemente absorver as energias pulsantes do *fora*, se apossando das máquinas de guerra e reduzindo as forças de colisão do pensamento-obra.¹²

Os disparos...

DISPARO 1: Se se propõe a Intervenção Urbana como Máquina de Guerra, é preciso se ter em mente o *inimigo*. Contra o *que* e *quem* se combate; os objetivos da luta. Abrem-se duas frentes de combate: com Estado, *inimigo macro*; e o Sistema de Arte, *inimigo micro*, *braço artístico-estético* do Estado-Capital.

DISPARO 2: Há um intenso e constante combate, jogos de forças instaurado no contemporâneo, na medida em que a cidade é tomada como espaço de conflito.

DISPARO 3: A cidade tomada como campo de imanência das *intervenções*, espaço do pensamento, funciona também à mercê de uma legislação, dada a condição de sua *exterioridade*. A legislação das *intervenções* criadas pelo Sistema-Salão tornam-se, neste caso, a *interioridade*.

DISPARO 4: A cidade é um espaço legislado e legislador, pois ela impõe regras de comportamento e convívio para a arte, é-nos cabível pensar que o *modus operandi* das *intervenções* na cidade comporta um não-estar submetido a essas mesmas regras; operando na direção de um *fora*.

DISPARO 5: O Sistema da Arte, como um componente do Estado, legisla, condiciona e determina o fluxo de *intervenções* e as experiências artísticas na cidade. O que permite às intervenções, um *fora* da legislação, criando novas vias de conflito e reflexão do papel da Máquina do Estado.

DISPARO 6: A absorção contínua e inevitável das forças do pensamento estético das intervenções e sua domesticação pelo Estado-Salão-Capital, define a condição deste na ação de sua *maquinaria* que age sob a forma de lei e submete o *pensamento-intervenção* à sua condição mercadológica de praxe.

DISPARO 7: Uma das facetas do Sistema de Arte, se estriba num princípio de contradição que caracteriza o próprio Estado, visto que ele produz mecanismos orquestrados por um efeito positivo-negativo de suas atribuições maquinais.

DISPARO 8: As *intervenções* são um produzir do pensamento nas suas formas intensivas, para além da legislação do Sistema de Arte.

DISPARO 9: Duas direções se abrem: para a cidade e para o Sistema. Produzir à revelia da lei, do mecanismo de controle estético, das determinações e regras da cidade e do Sistema de Arte.

DISPARO 10: Produzir, o outro lugar do *pensamento*, engendrando no corpo da cidade, a *máquina de guerra*, a *máquina nômade*, num *plano de exterioridade*, num *fora*.

DISPARO 11: Aumentar a potência, das *intervenções* constituindo o lugar de um *fora*, da *exterioridade*, porque o Estado absorve todos os processos possíveis, mumifica-os, domestica-os. Daí, a necessidade de um *fora*.

DISPARO 12: Mas esse *fora* não é estar apartado das relações com o Estado, mas é manter o tempo todo o *combate*, os desafios do que a corrupção no corpo do Estado, do Sistema de Arte mantém. Deflagrando pelas *intervenções*, pelos signos artísticos, os confrontos com aquilo que engessa e reduz a potência do pensamento.

DISPARO 13: Criam-se, portanto, as *malhas*, os *bandos*, as *gangues artístico-estéticas* que desafiam o status-Estado da arte.

DISPARO 14: As *intervenções urbanas* devem constituir-se assim no *fora* da lei, produzindo disparos sígnicos no corpo da Cidade-Estado. Aquilo que se gesta e se autodestrói no seu próprio vazio matérico.

DISPARO 15: Fazer pulsar os espaços. Fazer passar os fluxos, para além do Capital.

¹ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

² ROSSET, Clement. *O princípio de crueldade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 19.

³ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Op. Cit.* p. 12.

⁴ Idem. p.12.

⁵ Cf. ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁶ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Op. Cit.* p. 15.

⁷ Idem. p. 83.

⁸ Idem. p. 14.

⁹ Este *fora* aqui não é, entendido como apartado das relações com o Estado, tampouco percebido como topológico, mas estabelecendo formas de deslocamento e inapreensão de seus marcos determinantes, criando *territórios* dentro do corpo do Estado, aquilo que na arte é essencial.

¹⁰ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Op. Cit.* p. 14.

¹¹ Idem. p. 23

¹² Vide a problemática do grafite, absorvido nas suas forças, pelas galerias e espaços culturais, abordados por nós no XVI Congresso da ANPAP sob o título de GRAFITE: SUBMISSÃO, ASFIXIA E BLÁ, BLÁ, BLÁ .